



**UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
MESTRADO PROFISSIONAL PRÁTICAS DOCENTES NO
ENSINO FUNDAMENTAL**

**PORFÓLIO DE ORIENTAÇÃO PARA ATENDIMENTO
AO ESTUDANTE SURDO COM IMPLANTE COCLEAR
(IC)**

Produto educacional

**GISELLE NASCIMENTO DIAS
ABIGAIL MALAVASI**

2024

D541p DIAS, Giselle Nascimento.

Portfólio de orientação para atendimento ao estudante surdo com implante coclear (IC). / Giselle Nascimento, Dias. – Santos, 2024.
29f.

Orientadora: Abigail Malavasi
Produto (Mestrado Profissional), Universidade Metropolitana de Santos, Práticas Docentes no Ensino Fundamental, 2024.

1. Surdez. 2. Implante Coclear. 3. Sala de Recursos 4. Libras

I. Título.

CDD: 371.912



GISELLE NASCIMENTO DIAS

**PORTFÓLIO DE ORIENTAÇÃO PARA ATENDIMENTO AO
ESTUDANTE SURDO COM IMPLANTE COCLEAR (IC)**

Orientadora: Profa. Dra. Abigail Malavassi

**SANTOS
2024**



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
1. INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVO GERAL	9
3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
4. “SURDEZ E PRÓTESES MAIS UTILIZADAS NO BRASIL”	10
4.1. Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI)	11
4.2. Implante Coclear (IC)	12
4.3. Tecnologias assistivas(TA).....	13
5. “A CULTURA DA NORMALIDADE/IDENTIDADE E O IC.”	14
6. “PRÁTICAS NA SRM”	16
6.1. Produção de texto.....	17
6.2. Antônimos	18
6.3. Arte, educação financeira, produção de texto, artes digitais.....	19
6.3.1. Sudoku na sala de aula.....	21
6.3.2. Dados para a produção de textos	21
6.3.3. Arte integrada à rotina.....	22
7. INDICAÇÕES DE FILMES	23
8. INDICAÇÕES DE LIVROS	26
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29



LISTA DE ABREVIACÕES

AASI – Aparelho de amplificao Sonora Individual

AEE – Atendimento Educacional Especializado

CDO – Centro de Diagnticos Otorrinolaringológico

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IC – Implante Coclear

LOF - Leitura orofacial

OE – Orientador Educacional

OMS – Organizao Mundial de Saúde

PAIR – Perda Auditiva Induzida pelo Ruído

SRM – Sala de Recursos Multifuncionais

SUS – Sistema nico de Saúde

TA – Tecnologias Assistivas

UE – Unidade de Ensino



LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Aplicativos tradutores.....	13
Figura 2: Babás luminosas.....	13
Figura 3: AASI	13
Figura 4: Campanhas luminosas	13
Figura 5: Despertador vibratório	14
Figura 6: Implante coclear (IC).....	14
Figura 7: Atividade de produção de texto através de figura e perguntas (2024)	17
Figura 8: Aula de ballet e antônimos, uma combinação perfeita (2024).....	18
Figura 9: Logotipo da empresa criada pelas estudantes na SRM (2024).....	19
Figura 10: Cartão de visitas criado pelas estudantes na SRM (2024).....	19
Figura 11: Imagem de divulgação postada no Instagram (2024)	20
Figura 12: Uso do Sodoku na SRM (2024).....	21
Figura 13: Dados para a produção de textos (2024)	21
Figura 14: Chaveiro confeccionado pela estudante (2021).....	22
Figura 15: Uso de diversos materiais na SRM (2023).....	22
Figura 16: O som do silêncio (2019)	23
Figura 17: Um lugar silencioso (2018)	23
Figura 18: Sou surdo e não sabia (2009).....	23
Figura 19: Mr. Holland – Professor Adorável (1995).....	24
Figura 20: A Música E O Silêncio (1996).....	24
Figura 21: Filhos Do Silêncio (1986)	24
Figura 22: E Seu Nome É Jonas (1979)	24
Figura 23: Hammer (2010)	25
Figura 24: Um olhar sobre nós surdos- leituras contemporâneas.....	25
Figura 25: Crônicas da surdez.....	25
Figura 26: Novas crônicas da surdez.....	26
Figura 27: Tenho um aluno surdo, e agora?	26
Figura 28: Vendo vozes.....	26
Figura 29: Surdez e linguagem.....	26
Figura 30: A surdez: um olhar sobre a diferenças.	27
Figura 31: Educação de surdos- a aquisição da linguagem	27
Figura 32: Atualidade da educação bilíngue para surdos, V. I.....	27
Figura 33: Atualidade da educação bilíngue para surdos, V. II.....	27



APRESENTAÇÃO

A vida profissional como professora especialista em surdez trouxe muitas reflexões acerca dos obstáculos encontrados no caminho. Como a maioria dos recém graduados, não obtinha respostas e percebi que o trajeto é tão importante quanto os livros lidos.

O trabalho na educação de surdos faz parte de uma parcela do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e se constata que dentro desta divisão o trabalho não se sustenta em compartimentos. Os fragmentos se complementam e a educação é única, sem divisões apenas visando o melhor atendimento aos estudantes.

Todos os estudantes que se beneficiam do AEE devem ter seus direitos preservados enquanto diferença. O direito do estudante baseado na sua diferença, e por isso, na sua especificidade, deve ser incontestável.

O AEE para um estudante surdo usuário de Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI) e da Língua Brasileira de Sinais (Libras)[1] é diferente do AEE para o estudante surdo com Implante Coclear (IC). Existem muitas possibilidades e nenhuma delas se apresenta como uma fórmula mágica.

O mais lindo deste trabalho é o respeito às individualidades e o trabalho único.

As pesquisadoras Costa, Kelman e Góes (2015) salientam que é importante que o estudante surdo com IC não seja visto/recebido na escola como ouvinte, mas que haja uma atenção às necessidades educacionais deste estudante em sala de aula.

Tal afirmação reforça as questões da diferença, ela está sempre presente e esse olhar apurado para as necessidades de cada estudante deve se aplicar à todos.

Diante desses desafios é que surge a necessidade de produzir um portfólio de orientação para o atendimento do estudante surdo com IC. Gerar reflexões acerca de teorias e práticas e transformar o ambiente escolar em um espaço inclusivo e motivador, onde o trabalho colaborativo seja um fato e não um sonho.

[1] Libras: Sigla que tem caráter de palavra (siglema)



1. INTRODUÇÃO

Este portfólio de orientação tem como finalidade o processo de aprendizagem do estudante surdo com IC, suas variações e possibilidades a partir do meio que a cerca.

Propõe sensibilidade aos professores, gestores e toda a comunidade escolar, seguindo em um caminho do qual todos os estudantes se beneficiam, é justo afirmar que posturas pedagógicas inclusivas favorecem os estudantes como um todo.

A elaboração deste portfólio teve como finalidade orientar as práticas pedagógicas a serem adotadas a partir da leitura de textos, compartilhamento de experiências e observação de resultados. A preservação das individualidades no aprender pedagógico é reforçado neste material e apontado como o caminho mais respeitoso aos nossos estudantes.

Nessa perspectiva, a proposta do portfólio de orientação, desenvolvida neste material educacional, tem por objetivo auxiliar os professores dos diversos componentes curriculares do Ensino Fundamental I e II a conduzirem o trabalho docente priorizando a inclusão e desenvolvendo um olhar múltiplo aos estudantes surdos com ou sem IC.

A análise dos resultados obtidos na pesquisa serviu como base de apoio para a preparação deste material que além de muito esforço e seriedade, também é constituído de muito amor e respeito.

As entrevistas realizadas em uma U.M.E. da rede de ensino do município de Cubatão também serviram com geradoras de muitas reflexões aqui citadas e foram propulsoras na execução do material. As atividades aqui propostas foram realizadas na mesma escola a qual serviu de base para propor estratégias, atividades e materiais para consulta.

A partir disso, este portfólio visa multiplicar estas informações e estender por todas as escolas que tiverem como objetivo praticar o acolhimento digno e respeitoso à todos, inclusive os estudantes surdos com IC.

A proposta é mostrar ao leitor um panorama teórico, reforçando conhecimento sobre surdez, próteses, cultura surda, normalidade e tecnologias assistivas.

Dando continuidade será apresentado o referencial teórico que traz luz às práticas pedagógicas. Há a promoção de reflexão baseadas nas experiências apresentadas através de sugestões tanto de estratégias como uso de materiais diferenciados e atividades.

Este portfólio foi produzido para ir ao encontro as necessidades dos professores e profissionais da educação, no sentido de promover incentivo para o desenvolvimento de um trabalho coletivo relacionado à educação das diferenças e para fomentar curiosidades que fortaleçam a inclusão de todos.



A possibilidade de discussões e sugestões conjuntas motiva e enriquece os momentos compartilhados entre pessoas que visam promover educação, afeto, respeito e inclusão no ambiente escolar como um espelho para a vida em sociedade e visando um mundo melhor

2. OBJETIVO GERAL

Compreender o processo de aprendizagem de um estudante surdo e os impactos gerados pelo IC.

3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Analisar a relação da escola com a família da estudante surda com IC; Observar como a estudante surda se vê na escola, família e sociedade;
- Analisar os processos de ensino e aprendizagem para identificar os pontos críticos e as necessidades manifestadas pela estudante surda com IC;
- Identificar estratégias voltadas para a inclusão dos estudantes surdos com IC nas escolas.



4. SURDEZ E PRÓTESES MAIS UTILIZADAS NO BRASIL

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que 5% da população brasileira apresenta algum tipo de deficiência auditiva, esta porcentagem significa mais de 10 milhões de brasileiros. Entre estes brasileiros mais de 2,7 milhões apresentam surdez profunda. A Organização Mundial de Saúde (OMS) sinaliza que até 2050 serão 1 bilhão de pessoas com algum tipo de deficiência auditiva.

O Estatuto do Deficiente, em seu artigo 4º, diz que “toda pessoa com deficiência tem direito a igualdade de oportunidades e que não pode sofrer nenhum tipo de discriminação”.

O Dr. Ricardo Bento (2023) do Departamento de otorrinolaringologia do Hospital das Clínicas da faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) explica que os motivos que podem levar à surdez vão desde problemas congênitos até a presbiacusia que pode surgir a partir dos 60 anos de idade. Ainda há a chamada Perda Auditiva Induzida pelo Ruído (PAIR) que se caracteriza pela exposição prolongada a ruídos, podendo ou não estar associada a substâncias químicas, nos ambientes frequentados. Ela pode ser do tipo neurossensorial, geralmente bilateral, irreversível e progressiva conforme o tempo de exposição (Harger; Barbosa-Branco, 2004).

O Centro de Diagnósticos Otorrinolaringológico (CDO) em seu site esclarece:

Surdez congênita:

Dentre as principais causas de surdez congênita (acontece durante a gestação), podemos citar: Hereditariedade, doenças adquiridas e/ou uso de medicamentos durante a gestação, infecções hospitalares, partos prematuros ou depois do tempo ideal.

Surdez adquirida:

Apesar de alguns pacientes já nascerem surdos, a grande maioria dos casos de surdez é adquirida ao longo da vida, sobretudo devido a hábitos prejudiciais que afetam a audição de alguma forma.

Existe, ainda, a surdez mista, que pode acontecer pela união dos 2 tipos de surdez, pela implicação tanto da orelha média quanto da interna.

No site “tua saúde” da Rede Dor, revisada pela fonoaudióloga Rosa Maria Rodrigues em janeiro de 2024, classifica a surdez em diferentes tipos de acordo com a sua causa, sendo os principais:

Surdez de condução ou transmissão:

Acontece quando algo bloqueia a passagem de som para a orelha interna, afetando a orelha externa ou média, geralmente por motivos, tratáveis ou curáveis, tal como excesso de cera, rompimento do tímpano, infecções do ouvido ou tumores.



- **Surdez neurossensorial ou de percepção:**

Surge devido a implicações da orelha interna, assim o som não é processado/transmitido ao cérebro, devido a deterioração das células auditivas pela idade, exposição a sons muito alto, doenças circulatórias ou metabólicas, tumores ou doenças genéticas. Existe, ainda, a surdez mista, que acontece pela junção dos 2 tipos de surdez.

No Brasil as pessoas tem direito ao tratamento auditivo pelo Sistema Único de Saúde (SUS), nossa legislação permite que todo o brasileiro tenha direito ao aparelho de audição gratuitamente e também a algumas cirurgias como o IC.

Percebo com o passar do tempo e baseada nas minhas experiências com a educação de surdos, a importância da identificação do tipo de surdez. Baseada nestas informações construo meu planejamento, mesmo sabendo que ele é vivo e sujeito a modificações no decorrer do ano letivo. O planejamento para as aulas de um estudante que apresenta surdez neurossensorial é diferente das aulas para um estudante com surdez condutiva, os comportamentos, o percurso e as estratégias também diferem.

Quando a surdez condutiva se mantém, mesmo após tratamentos, o estudante possui mais facilidade no entendimento de diálogos, geralmente ele faz uso da LOF (leitura orofacial), porém esses estudantes também tendem a ser mais resistentes ao uso da Libras. Estes estudantes geralmente são usuários de AASI.

4.1 Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI)

Uma vez esgotados todas as possibilidades de tratamento médico, qualquer indivíduo que apresente dificuldades em situações de comunicação decorrentes de uma perda auditiva, deve ser considerado um candidato potencial ao uso de AASI ou IC (Belotti, 2014).

A principal função do AASI é reparar ou diminuir a perda auditiva para garantir o mínimo de audição de sinais e conforto na audição de sinais moderados ou fortes, a diminuição e/ou eliminação das limitações nas quais a surdez se apresenta e para expandir e/ou reconstruir o convívio em sociedade (Tonelini, 2016).

O AASI é um dispositivo eletrônico projetado para amplificar os sons, permitindo que o usuário utilize sua audição residual (Lubanco, 2019).

Partindo das minhas experiências ao receber um estudante que possui audição residual, o trabalho se intensifica porque ao conviver com os resíduos auditivos, o estudante apresenta muitos hiatos, principalmente em Língua Portuguesa (LP). Os sons percebidos nem sempre condizem com o som realmente produzido, eles se confundem tanto na fala quanto na escrita e podem comprometer as produções de textos realizadas pelo estudante. Já o estudante que não possui resíduo auditivo, na maioria das vezes se comunica e se expressa através da Libras, o que facilita o trabalho do professor especialista.



4.2 Implante Coclear (IC)

O Implante Coclear é indicado como uma intervenção cirúrgica para casos de surdez profunda nas orelhas, quando o uso do AASI não possibilita benesses consideráveis. Tem como foco principal ajudar no desenvolvimento da fala (Nascimento; Lima, 2015).

O IC é formado com uma parte externa e outra interna. A parte externa tem uma antena de transmissão, um microfone e um processador de fala, a parte interna possui de um estimulador e eletrodos que são implantados através de uma cirurgia (Neto, 2002).

É feito com anestesia geral e a introdução é efetuada pelo pavilhão auditivo. Um receptor-estimulador é incorporado ao osso temporal e através de um acesso pela orelha média os eletrodos são implantados na cóclea (Linden, 1995).

A partir de 2009 passei a atender uma estudante com implante coclear. A estudante de família humilde, filha de pai cego e mãe trabalhadora, que fazia faxina para completar o benefício que seu marido recebia do governo para arcar com as despesas familiares.

A convivência com esta estudante passou a ser diária, antevendo ali, mais uma vez, a oportunidade de aprender muito mais do que ensinar, pois a família exigia intérprete de Libras, mesmo sendo algo facultativo e tendo a estudante um IC bem-sucedido, não renunciando ao atendimento na SRM. Os pais supracitados e a própria estudante argumentavam diversos momentos em que a surdez estava presente e exemplificavam ao citar no banho, na hora de dormir, quando a bateria acaba, entre outras tantas situações.

Justificavam a necessidades de aprender Libras e conviver com outros estudantes surdos e me provocavam a ponto de questionar a suposta “cura” oferecida pelos médicos.

As provocações saudáveis feitas por essa família me incentivaram a estudar mais sobre o assunto e, a partir dessa experiência, passei a ter como objetivo produzir algum material sobre como o estudante surdo com IC aprende.

Após tantas reflexões, passei a ter a respeito desse assunto a partir dessa estudante, tanto aprendi com ela e continuo aprendendo, pois hoje em dia nosso relacionamento é da mais pura e linda amizade e sempre que tenho oportunidade expresse minha gratidão por tê-la na minha vida. A partir desta estudante, atendi mais dois surdos com IC ambos da educação infantil e, apesar do mesmo ciclo, um abismo os separava. No primeiro caso a mãe proibia o uso da Libras e cobrava demasiadamente resultados, fiquei pouco tempo porque ele mudou de bairro e passou a ser atendido em outra escola.

A professora que ainda o atende (ele está no 9º ano) relatou que há muito tempo ele não faz mais uso do IC, tirou a parte externa e aprendeu Libras, está feliz.

O segundo caso, alguns anos depois, é a I.L.M. personagem principal do estudo de caso. A mãe não admitiu uso de Libras durante o primeiro ano letivo da estudante na educação infantil, por orientação do médico que realizou a cirurgia e da fonoaudióloga que a atendia semanalmente.

No ano seguinte, houve uma mudança no atendimento fonoaudiológico e a nova profissional orientou a mãe que a Libras seria muito importante para a aquisição de linguagem, inclusive oral, da estudante. A mãe aceitou e me liberou para usar a Libras no turno e contraturno.



Curioso perceber como é velado a condição de poder exercida pelos profissionais. A nova fonoaudióloga fez o mesmo discurso que eu havia feito no ano anterior, mas como não uso jaleco, não fui atendida.

Foucault afirma: “Onde há poder, há resistência.” (Foucault, p.105, 2009).

Segui adiante aproveitando a oportunidade que foi dada a mim e a estudante, rapidamente não existia mais diferenças pedagógicas entre ela e a turma, sua fala e escrita também avançaram.

4.3 Tecnologias assistivas

O conhecimento e uso das tecnologias assistivas (TA) é um auxílio importante na trajetória educacional das pessoas com surdez. As TA são ferramentas que simplificam o dia a dia da pessoa com deficiência e promove sua autonomia.

No uso da TA todos se beneficiam, o professor, o estudante e todo o entorno e comunidade escolar. Como TA para surdos podemos citar as próteses auditivas, o IC, as legendas, sinais luminosos, travesseiros com vibradores, aumentadores de volume, aplicativos tradutores Libras/ Português e/ou Português/ Libras.

Abaixo temos alguns exemplos:



Figura 1: Aplicativos tradutores

Fonte: SLIDESHARE, 2019



Figura 2: Babás luminosas

Fonte: SLIDESHARE, 2019



Figura 3: AASI

Fonte: Blog Felipe Felix



Figura 4: Campainhas luminosas

Fonte: SLIDESHARE, 2019



Tecnologia assistiva é definida pelo comitê de ajudas técnicas como:

“...uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que dão mais autonomia, independência e qualidade de vida a pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida” (Comitê de Ajudas Técnicas, 2008).

Os cartazes que ilustram sinais em Libras ou o alfabeto digital também podem ser considerados uma TA. Na minha experiência é muito comum a utilização desses cartazes nas salas regulares para provocar perguntas sobre a Libras, o alfabeto e a surdez. Acredito que todas as oportunidades para o esclarecimento e a difusão dessas informações devem ser aproveitadas. Porém também encontrei professores ou equipe gestora que não permitiam a colocação dos cartazes, alegando uma possível distração dos estudantes ou, até mesmo, poluição visual. Tudo isso soa estranho, triste e lamentável.



Figura 5: Despertador vibratório

Fonte: SLIDESHARE, 2019



Figura 6: Implante coclear (IC)

Fonte: TELESOM, 2024

5. A CULTURA DA NORMALIDADE/IDENTIDADE E O IC.

O diagnóstico de surdez transforma a prática familiar. A dificuldade encontrada pelos pais em conviver com uma criança diferente provoca resistência e sentimentos de negação, depressão e até mesmo luto pelo filho que era sonhado e que não veio (Yamazaki; Massini, 2008).

O impacto gerado pelo diagnóstico de surdez na vida da criança e de toda sua família é brutal e seu peso está na postura prescritiva e quantitativa relativa ao desenvolvimento adotada pelos médicos (Vygotski, 1989).

A partir daí há uma busca desenfreada pela “normalidade”. A aquisição da língua falada está na centralidade desta busca, tudo gira em torno dela e tudo é feito para que ela esteja presente na vida da pessoa surda desde a mais tenra idade.

Monteiro (2016) salienta que no Brasil, os aspectos negativos e a afirmação de deficiência parte do discurso médico que nega a perspectiva e possibilidade de uma educação bilingue, o que gera a preocupação dos pais em relação ao crescimento acadêmico e as relações sociais.



Após o diagnóstico da surdez os responsáveis são inteirados sobre uma cirurgia que pode promover a solução do problema e, até mesmo, a cura. Esta cirurgia é o IC podendo proporcionar audição à criança e torná-la "normal" (Nascimento; Lima, 2015).

Rezende (2012) diz que tanto a sociedade como a escola seguem em busca da normalidade, a família é levada a se posicionar nesta situação e, na sua maioria, assume o discurso clínico/social/pedagógico. A normalização a partir do ponto de vista da instituição familiar é condizente a pensar o indivíduo surdo na tentativa de minimizar a surdez e corrigi-la.

Os pais recebem informações completas e precisas a respeito do IC? É importante que saibam que nem sempre a cirurgia é bem-sucedida, que o IC exige atualização e manutenção constantes, e que o acompanhamento do fonoaudiólogo deve ser contínuo. Se faz necessário a compreensão de que os surdos bilíngues geralmente apresentam um melhor desempenho acadêmico. E que seus filhos continuam sendo surdos, embora possam aprender a ouvir e falar com a ajuda do dispositivo (Lage, 2017)

As identidades surdas passam por três etapas distintas: a identidade que é negada de princípio, em seguida passa por uma descoberta paulatinamente e, finalmente, é consolidada. Estas são as etapas experimentadas pelas pessoas com surdez no decorrer de suas vidas, e é válido refletir no sentido de que as relações cotidianas desempenham um papel determinante nesta transformação, seja ela ciente ou não (Rosa, 2012).

A negação da identidade surda é fortalecida por muitas causas, a maior motivação são os padrões de normalidade dos quais a sociedade impõe.

A homogeneidade é uma constante busca da sociedade e qualquer diferença nestes padrões demonstram um incômodo e, conseqüentemente, a rejeição do diferente. A identidade não é independente, não está em si própria, mas é validada a partir do outro (Bentes; Silva; Hayashi, 2016).

O estudante surdo com IC é invisível na maioria das escolas, em algumas situações este estudante está apenas na listagem de estudantes com "deficiência" para gerar a verba (que é uma vergonha) em dobro. Nenhum atendimento é oferecido porque todos o enxergam como igual aos ouvintes e assim suas particularidades são suprimidas pelo cotidiano escolar.

Para os estudantes surdos a Libras é responsável pelos primeiros conceitos da leitura, promovendo um progresso de maneira natural, análogo ao desenvolvimento das crianças ouvintes.

Fernandes (1998) diz que a linguagem não é apenas um mecanismo de comunicação, mas é um importante produto para o desenvolvimento de ações cognitivas do ser humano.

A escola precisa repensar os padrões em relação aos estudantes com surdez, não existe padrão, a educação especial é pautada na individualidade e especificidades dos alunos. A sociedade apregoa que o estudante surdo com IC é ouvinte. A família acredita. A escola acredita.



O olhar para estes estudantes deve ser ampliado, muitos comemoram um êxito incrível no mundo ouvinte, outros não atingiram o que esperavam deles. Estes estudantes estão entre duas comunidades. Não deixou de ser surdo, a surdez está lá no momento em que acaba a bateria do aparelho, na hora de tomar banho, entrar na piscina, dormir. Cabe ressaltar que:

Nesse contexto, é crucial refletir sobre a metodologia empregada na educação de alunos surdos que receberam implante coclear, pois muitas escolas têm optado por utilizar apenas a língua portuguesa sem considerar adaptações necessárias, deixando de lado a língua de sinais (Costa, Kelman e Góes, p. 327, 2015).

Para Kelman, Lima e Machado (2007) "...muito ainda necessita ser investigado sobre crianças surdas com implante coclear na dimensão educacional, sob a ótica evolutiva, para além do campo da audição..." (Kelman; Lima; Machado, p.1, 2007).

A cultura da normalidade é evidenciada na realização das entrevistas do estudo de caso.

Na pergunta 2: Você tinha informações sobre surdez previamente? Houve um conflito nas respostas, apenas a avó materna disse que conhecia por também ter uma certa deficiência auditiva.

Precisa ser considerado que no momento em que a família recebe a informação sobre a surdez existe uma ruptura com a idealização da criança perfeita, vários sentimentos invadem e desestruturam o sonho da criança ideal causando em cada familiar sentimentos distintos. As questões afetivas, na maioria das vezes, prevalecem as questões prováveis e as informações são digeridas de acordo com a preparação individual para a situação.

Neste caso o apagamento de um problema auditivo na família surgiu de forma coletiva, possivelmente para não provocar associações e para não desenvolver um sentimento de culpa.

Eis um exemplo da força da cultura da normalidade em nossa sociedade.

Skliar (2002) aponta que:

Existe uma estratégia de contenção em que o outro nunca é um agente articulador ativo. O outro é citado, mencionado, iluminado, incorporado em estratégias de imagem/contra imagem etc., mas ele nunca menciona, ele nunca pode interferir com as imagens e jogos de contra imagem estabelecidos a priori (SKLIAR, 2002, p. 91);

6. PRÁTICAS NA SRM

Atuando como professora na SRM sempre com estudantes surdos e usando a observação como elemento principal na elaboração das estratégias a serem utilizadas, pude reunir e ilustrar algumas atividades.

O conflito que existia em mim no início da minha carreira profissional se acalma ao perceber o que sempre esteve na minha frente e eu, simplesmente não via. Todo estudante tem direito de entender o que foi proposto pelo professor, então uso todos os meios possíveis para transmitir as informações, meios esses que abrangem a escrita, a Libras e a oralidade. Caminho por várias estratégias até perceber que o estudante está confortável e sentindo-se seguro com o trajeto.



6.1 Produção de texto

Geralmente começo a proposta de uma produção de texto selecionando uma figura, seja colada ao caderno ou escolhida através da tela interativa que temos na SRM.

Peço que a estudante observe bem a figura e lanço algumas perguntas, fortalecendo a abstração:

- Que lugar é esse?
- Como estava o clima?
- Quais os nomes dos personagens que estão na figura?
- Quais as preferências destes personagens?
- O que eles foram fazer naquele local?
- Saindo daquele local, para qual lugar eles vão?

Após respondidas as perguntas, a estudante tem material suficiente para a produção do texto.

Com o registro em mãos há várias possibilidades de extensão da atividade: exploração do vocabulário, uso do globo terrestre para localizar geograficamente os acontecimentos, uso de valores numéricos para a formulação de problemas.

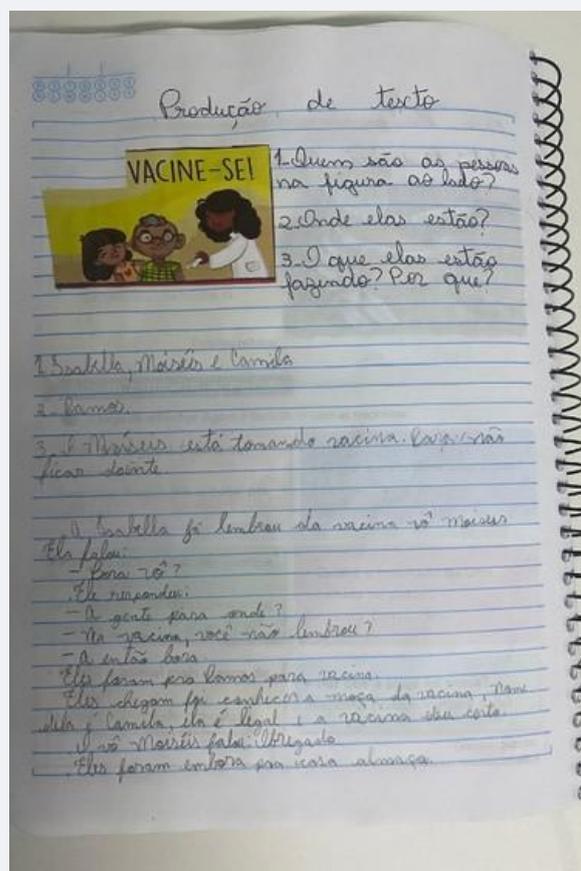


Figura 7: Atividade de produção de texto através de figura e perguntas (2024).



6.2 Antônimos

Mantenho constante contato com a professora da sala regular da estudante surda com IC, procuro saber se houveram dificuldades, quais os temas abordados e as estratégias seguidas para poder na SRM através de outras estratégias atingirmos os objetivos propostos no planejamento inicial da sala regular.

Quando foram apresentados os antônimos na sala regular, a professora demonstrou uma certa preocupação à apreensão deste conteúdo pela estudante e me alertou.

Na SRM fui repassar a definição de antônimos e percebi uma certa atitude automática, parecendo ser decorado. Ex: Eu falava **claro**, ela respondia **escuro**.

Percebi que na verdade, a dificuldade vinha da falta de entendimento das palavras **contrário/oposto**. Utilizei a barra de ballet propondo que a estudante ficasse de frente para mim e explorando todas as possibilidades de demonstrar o significado de **contrário/oposto**.

O objetivo alcançado (antônimos) foi resultado da pausa ativa que combino entre as atividades de registro e de raciocínio lógico.

Existem escolas que aderiram a pausa ativa como forma de combinação entre as atividades pedagógicas de registro, ou seja, pequenos intervalos para a prática de atividades físicas (Folharini et al., 2015).



Figura 8: Aula de ballet e antônimos, uma combinação perfeita (2024).

6.3 Arte, educação financeira, produção de texto, artes digitais

Observando a criatividade, a habilidade artística e o interesse financeiro latente na estudante surda com IC, desenvolvemos juntas um projeto de produção de pulseiras.

Aproveitando a presença de uma estudante sem deficiência convidada a frequentar a SRM, introduzi uma proposta: Produzir um pequeno texto coletivo para ser usado como contrato social.

Após a finalização e auto correção do texto providenciamos a compra de materiais necessários para o desenvolvimento do projeto, com a ajuda financeira das professoras da SRM.

Neste íterim as estudantes promoveram uma votação entre professores e funcionários da escola para a escolha do nome da empresa, a qual foi escolhido Brilho & Miçangas e criada uma conta no Instagram. Confeccionaram, com o auxílio da professora A.J. da SRM, o logotipo da empresa e cartão de visitas através da plataforma CANVA e da Inteligência Artificial:



Figura 9: Logotipo da empresa criada pelas estudantes na SRM (2024).

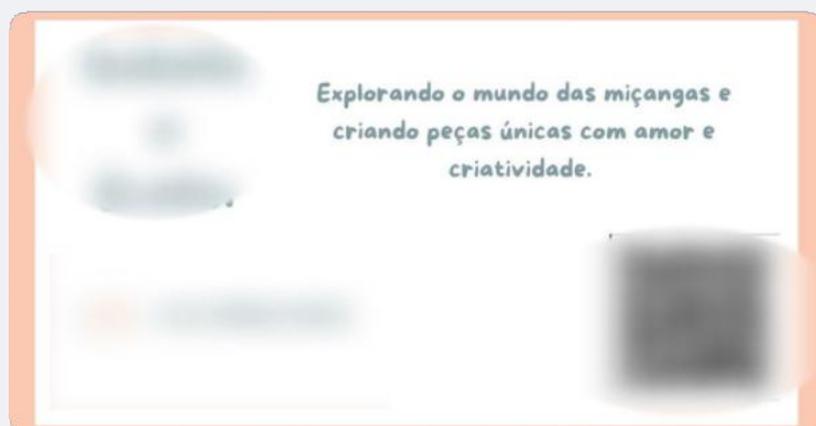


Figura 10: Cartão de visitas criado pelas estudantes na SRM (2024).





Figura 11: Imagem de divulgação postada no Instagram (2024).

Paralelamente iniciaram-se as confecções de pulseiras, reservada uma tarde por semana para tratar apenas deste assunto. O objetivo era ter pelo menos cinquenta pulseiras prontas para o início das vendas. O trabalho foi intensificado no recesso escolar, momento em que as estudantes tiveram mais tempo para o andamento do projeto. No retorno do recesso, com sessenta e oito pulseiras em condições de serem comercializadas, promovemos o exercício de precificação. Pesquisas feitas pela internet e tudo resolvido.

Após a primeira prestação de contas feita pelas estudantes e professoras da SRM, o projeto foi encaminhado para a responsável pela estudante surda com IC que o mantém ativo, inclusive assegurando a sociedade com a estudante sem deficiência envolvida.



Durante as leituras e pesquisas percebemos que a arte é o artifício principal para motivar as ações cotidianas do ensino e aprendizagem e alcançar uma formação significativa e integral (Leal et al., 2019)

Usar as mais diversas estratégias e materiais para despertar interesse nos estudantes é uma prática contínua. Costumo inovar nos materiais e junto com a estudante descobrir qual a melhor maneira de usá-los. Aqui ilustro algumas aulas com materiais diversos.

6.3.1 Sodoku na sala de aula



Figura 12: Uso do Sodoku na SRM (2024).

Nesta atividade o uso do Soduko de cores é utilizado para a acuidade visual, promoção do raciocínio lógico, concentração, estimulação na capacidade de resolver problemas e desenvolvimento do pensamento crítico.

6.3.2. Dados para a produção de textos



Figura 13: : Dados para a produção de textos (2024)



Nesta atividade, os dados contêm imagens e quando sorteados fornecem informações para a produção de textos relacionados as imagens. Utilizo principalmente na fase em que os estudantes começam a produzir textos, reforçando a importância da coerência e da coesão. Passo a passo, respeitando o amadurecimento linguístico e o desenvolvimento lexical da estudante.

6.3.3 Arte integrada à rotina

A seguir dois registros fotográficos feitos no decorrer da pesquisa, o resultado positivo do uso da arte integrada com atividades da rotina e a importância de uma SRM com múltiplos materiais à disposição do professor e do estudante.



Figura 14: Chaveiro confeccionado pela estudante (2021).



Figura 15: Uso de diversos materiais na SRM (2023).



7. INDICAÇÕES DE FILMES

Os três filmes abaixo tratam justamente do IC nos surdos. Eles tratam das questões adaptativas pós implante, revela momentos de sucesso mas, também fracassos. Sugiro uma viagem junto a esses personagens e um exercício de empatia.

O Som do silêncio foi indicado a quatro categorias do Oscar: melhor filme, melhor roteiro, melhor som e melhor montagem. Foi vencedor em duas categorias: melhor som e a melhor montagem. Foi um dia de glória para a comunidade surda mundial.

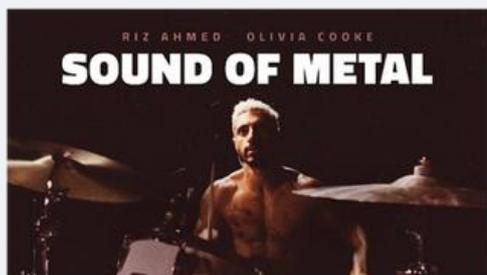


Figura 16: O som do silêncio (2019).

A vida de um jovem baterista muda totalmente quando ele percebe que está perdendo a audição. As suas duas grandes paixões estão em jogo: a música e a sua namorada, integrante da mesma banda de heavy metal que ele faz parte.



Figura 17: Um lugar silencioso (2018).

Em uma fazenda nos Estados Unidos, uma família do Meio Oeste é perseguida por uma entidade fantasmagórica assustadora. Para se protegerem, eles devem permanecer em silêncio absoluto, a qualquer custo, pois o perigo é ativado pela percepção do som.



Figura 18: Sou surdo e não sabia (2009).

O documentário “Sou surdo e não sabia” conta a história de Sandrine, uma mulher que viveu sem saber que era surda de nascença. O filme, dirigido por Igor Ochronowicz, apresenta a perspectiva de Sandrine sobre a surdez e levanta questões como a oralização de crianças surdas e a língua de sinais.



Seguem outras sugestões que abordam o tema da surdez. O filme “Os filhos do silêncio” proporcionou o Oscar de melhor atriz para a atriz surda Marlee Matlin, um feito inesquecível para a comunidade surda.

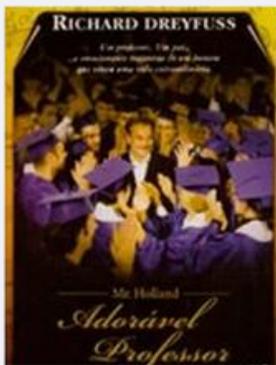


Figura 19: Mr. Holland – Professor Adorável (1995).

Em 1964, o jovem compositor Glenn Holland decide dar aulas de música, enquanto economiza para dedicar todo seu tempo à composição de sua sinfonia. Os alunos estão longe das expectativas de Glenn.



Figura 21: Filhos Do Silêncio (1986).

James Leeds é um professor de língua de sinais recém-contratado em uma escola para surdos, onde conhece a jovem misteriosa Sarah Norman, uma antiga aluna da escola. À medida que se aproxima para tentar ajudá-la, James se apaixona por ela.

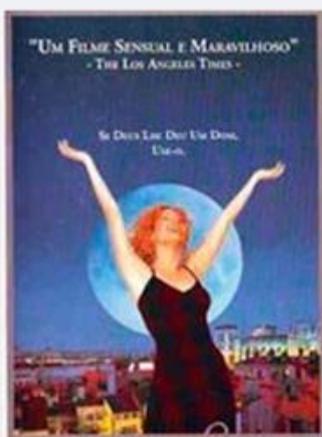


Figura 20: A Música E O Silêncio (1996).

A Música e o Silêncio é um filme alemão de 1996, dirigido por Caroline Link, que conta a história de Lara, uma menina que se apaixona por música e precisa decidir entre seguir a carreira musical e deixar os pais surdos.

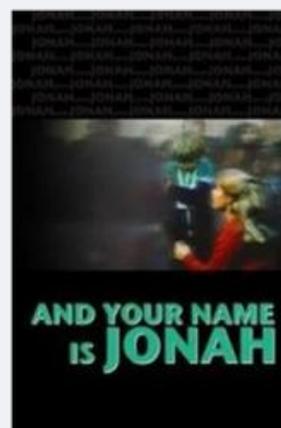


Figura 22: E Seu Nome É Jonas (1979).

Jonah é um jovem surdo que recebe um diagnóstico errado de retardo mental e leva uma vida repleta de frustrações, até que seus talentos são reconhecidos.



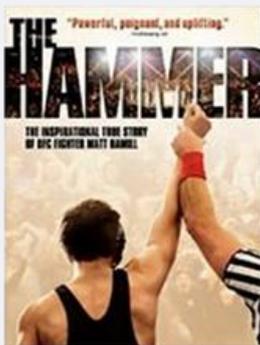


Figura 23: Hammer (2010).

Matt Hamill enfrentou dificuldades antes de se sagrar três vezes campeão de luta livre. Nascido sem a audição, o lutador usou sua deficiência como vantagem e se tornou o primeiro atleta surdo a vencer um campeonato universitário nacional.



Figura 25: Crônicas da surdez.

Autora: Paula Pfeifer

Reúne textos que contam sua história, experiências com o uso de aparelhos auditivos, reflexões sobre vergonha, aceitação, direitos, além de contar algumas aventuras num mundo que ainda não tem toda a acessibilidade necessária.



Figura 24: Um olhar sobre nós surdos- leituras contemporâneas.

Autoras: Gladis Perlin - Marianne Stumpf (org.)

Autores cujos saberes reúnem significados que imperam, determinam impõem o agenciamento surdo. Discurso da diferença e negociações. Temática em torno da qual os autores citam embates culturais mediante o discurso da diferença, bem como a resistência e a política.



8. INDICAÇÕES DE LIVROS

A literatura oferece ótimos livros com o tema da surdez, desde crônicas até livros técnicos, inclusive escrito por autores surdos. A seguir selecionei alguns livros para quem estuda a surdez e também para quem apenas gosta de uma boa história. Entre os livros técnicos destaco o “Um olhar sobre nós surdos- leituras contemporâneas” organizado por Gladis Perlin e Marianne Stumpf.

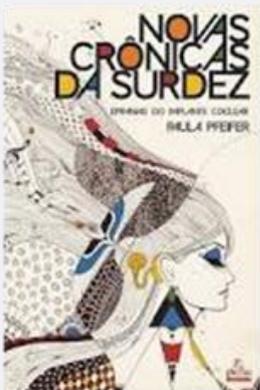


Figura 26: Novas crônicas da surdez.
Autora: Paula Pfeifer

É a aventura de uma pessoa que começou a perder a audição na infância, conheceu todos os graus de deficiência auditiva, enfrentou a vergonha e o capacitismo e se tornou a mais destacada ativista da surdez no Brasil. Paula Pfeifer criou o Clube dos Surdos Que Ouvem.



Figura 27: Tenho um aluno surdo, e agora?
Autoras: Cristina Broglia e Lara Ferreira

Reúne textos de diversos autores, surdos e ouvintes, que atuam na área da surdez, visando possibilitar uma visão ampla de aspectos relacionados à Língua Brasileira de Sinais – Libras e à educação de surdos.

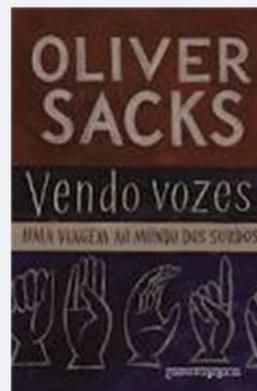


Figura 28: Vendo vozes.
Autor: Oliver Sacks

Ele aborda a história da educação de Surdos e discute temas, como a Língua Americana de Sinais (ASL) sendo ensinado nas escolas para pessoas surdas. O livro é super interessante e, mesmo que escrito no final da década de 80, traz reflexões e estudos atuais. O livro contém uma série de citações a outros estudos, que dá embasamento sólido à obra.



Figura 29: Surdez e linguagem.
Autora: Ana Paula Santana

Diante de vários preconceitos, como a ideia de que o surdo não tem capacidade de se comunicar, faz uma reflexão sobre as visões médicas, fonoaudiológicas, sociais e (neuro)linguísticas da condição do surdo.



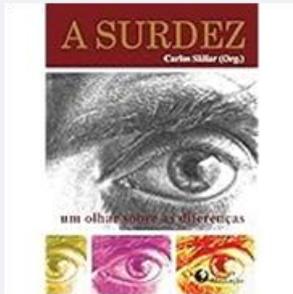


Figura 30: A surdez: um olhar sobre as diferenças.
Autor: Carlos Skliar

Reúne ensaios sobre Estudos Surdos em Educação. O livro aborda a questão da inclusão e provoca o leitor a refletir sobre as diferenças das pessoas.



Figura 32: Atualidade da educação bilingue para surdos, V. I.
Autor: Carlos Skliar (org.)

Aborda a questão do multiculturalismo, as políticas sobre a surdez, as políticas comunitárias dos surdos, práticas e projetos que vêm se desenvolvendo em vários países do mundo.

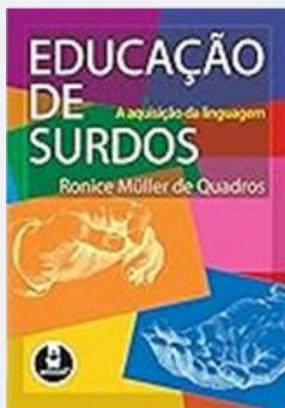


Figura 31: Educação de surdos- a aquisição da linguagem.
Autora: Ronice Muller de Quadros

Traz alternativas para a superação de um modelo escolar que opera na manutenção da exclusão de parcelas da população escolar brasileira que, como os surdos, lutam pelo direito à cidadania. Suas páginas convidam o leitor ao exercício da reflexão crítica acerca dos surdos e a surdez.



Figura 33: Atualidade da educação bilingue para surdos, V. II.
Autor: Carlos Skliar (org.)

Mostra interfaces entre pedagogia e linguística - reúne ensaios e relatos de experiências de educadores com a alfabetização dos surdos, a escrita e a leitura, entre outros temas.



9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolver deste trabalho, trouxe experiências obtidas nos 26 anos dos quais atuei como professora especialista em surdez. Acompanhei muitas mudanças, presenciei conquistas e encaminhei minha prática alicerçada na busca do conhecimento, na sensibilidade das ações, na incansável defesa dos estudantes surdos na direção de uma educação que contemple todos.

Na realização das entrevistas pude constatar o forte movimento de normalização do qual estamos submetidos. A negação da deficiência por parte da família na busca da criança perfeita, ideal. Podemos julgar? Será que mesmo com condições sócio/econômica/cultural diferentes, uma família ouvinte negaria a possibilidade apontada pelos médicos como “cura” da surdez do filho idealizado?

Estas questões precisam ser discutidas, precisamos de políticas públicas que viabilizem um movimento rumo ao comprometimento geral, políticas que sejam respeitadas e cumpridas.

O depoimento das professoras que de forma velada imploram por melhores condições de trabalho, formações continuadas, escolas inclusivas e que dispensam um lindo olhar para a estudante motivo do estudo de caso foi comovente e trouxe esperança no sentido do atendimento a ser ofertado por elas. Visivelmente há muito comprometimento, mas muitas lacunas a serem preenchidas.

As estudantes A. B. e I. L.M. que enriqueceram a pesquisa ao declararem o que sentem pelo seu IC:

“...é uma questão de independência...” (A. B., 22 anos)

“O aparelho o meu amigo” (I.L.M., 11 anos)

Espero que este material possa impulsionar práticas mais acolhedoras e que seja apenas um início para inspirar novas iniciativas no que tange a educação de surdos.

Aqui proponho a expansão das discussões acerca do atendimento ao estudante surdo com IC, exponho problemas no acolhimento escolar que trata este estudante como ouvinte negando-lhe os recursos necessários para seu desenvolvimento educacional e social. Posturas que impossibilitam a formação adequada deste estudante assim como a formação de sua identidade. Ao enxergar este estudante como ouvinte, negam-lhe a Libras, os direitos e impigem um sofrimento desnecessário.

Acredito que seja função da escola ao receber este estudante, esclarecimentos acerca da sua condição aos familiares e profissionais da escola. Só através da formação continuada isso será possível, considerar este aluno como parte integrante do contexto escolar é urgente.

A necessidade de um afetuoso acolhimento a esses estudantes e suas famílias se sustenta com um bom embasamento teórico e a possibilidade de discussões e compartilhamento de ideias e práticas.

Neste caminho árduo, porém gratificante, o portfólio de orientação para o atendimento ao estudante surdo com IC, vem de encontro a um grande movimento a favor das diferenças, um brinde ao profissional que tem convicção da sua eterna posição de aprendiz e oferece uma porta sempre aberta para inovações e sugestões.



10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

“

BENTES, J. A. O., SILVA, C. F. C. A., HAYASHI, M. C. P. I. Normalidade, Diversidade e Diferença: Como o corpo de pessoas com deficiência é visto na atualidade?, 2016. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br> Acesso em 24 de março de 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília, DF: MS, 2001. 580 p. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas_relacionadas_trabalho_manual_procedimentos.pdf. Acesso em 06 de junho de 2024.

Causas da surdez. Disponível em <https://www.cdo.com.br/post/surdez-principais-causas-e-tipos>. Acesso em 05 de junho de 2024.

COSTA, J. P., KELMAN, C. A., & GÓES, A. R. S. (2015). Inclusão de alunos com implante coclear: a visão dos professores. Revista Educação Especial, 28(52), 325–338. <https://doi.org/10.5902/1984686X14784> . Acesso em 05 de abril de 2024.

HARGER, M. R. H. C.; BARBOSA-BRANCO, A. Efeitos auditivos decorrentes da exposição ocupacional ao ruído em trabalhadores de marmorarias no Distrito Federal. Revista da Associação Médica Brasileira, v. 50, n. 4, p. 396-399, dez. 2004.

FOUCAULT, M., HISTÓRIA DA SEXUALIDADE A VONTADE DO SABER, VOL. 1, Editora Paz e Terra, 2020.

FOLHARINI, L.R.; KISHIMOTO, S.T.; FERNANDES P.T, Pausa Ativa nas Aulas Regulares no Ensino Fundamental: O que existe?, VI Congresso de ciência do desporto, 2015. Disponível em: https://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/fef_inscricao/ccd2015/paper-1443532754.pdf Acesso em: 03/10/2024.

LAGE, A. L. S. Conversações em psicologia e educação. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia 5ª Região, 2016.

MONTEIRO, R, Surdez e Diagnóstico: narrativas de surdos adultos, Revista Psicologia: teoria e pesquisa, vol. 32, p 1-7, Brasília, 2016.

NASCIMENTO, L. C R. e LIMA, C. C. S. LIBRAS e Implante coclear: contradição ou complementaridade? Disponível em <file:///C:/Users/ginas/Downloads/6109-Texto%20do%20Artigo-30299-2-10-20160111.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2024.

REZENDE, P. L. F. Implante coclear: normalização e resistência surda, Editora CRV, Curitiba, 2012.

ROSA, E. F. Identidades Surdas: o identificar do surdo na sociedade. In: PERLIN, G. e STUMPF, M. (org.). Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Curitiba: Editora CVR, 2012.

Surdez e implicações. Disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/doencas/surdez.htm>. Acesso em 26 de maio de 2024.

SKLIAR, Carlos. Alteridades e pedagogias. Ou ... e se o outro não estava? Educação e Sociedade, Campinas, ano XXIII, n. 79, 2002.

Tipos de surdez. Disponível em <https://cronicasdadasurdez.com/tipos-de-surdez-condutiva-neurossensorial-e-mista/>. Acesso em 26 de maio de 2024.

Tipos de surdez. Disponível em <https://www.tuasaude.com/causas-da-surdez/>. Acesso em 06 de junho de 2024.

VIGOTSKI, L. S. El defecto y La compensación. Fundamentos da defectologia - Psicologia do anormal e dificuldades de aprendizagem. Obras completas. Tomo V. Cuba: Al Pueblo y Education, 1989.

YAMAZAKI, A. L. e MASINI, E. A. A surdez no contexto familiar: o olhar materno. Rev. Saúde Pesquisa., Vol. 1-2, p. 125-128, 2008.

